

ESTUDO
HISTÓRICO
ARQUEOLÓGICO
SOBRE AS
CONSTRUÇÕES
PIRAMIDAIS
EXISTENTES NO CONCELHO DA
MADALENA
ILHA DO PICO



Prefácio

Fernanda Soares Medeiros

Vereadora da Câmara Municipal da Madalena

É com evidente orgulho que tenho a honra de abrir, com uma breve nota, este trabalho de apresentação do estudo que está a ser realizado pela APIA (Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica) no nosso concelho, em estreita colaboração com a Câmara Municipal da Madalena.

Este é o primeiro trabalho realizado por esta Câmara Municipal nesta área, sendo sem sombra de dúvida uma aposta ousada, mas que demonstra uma clara demarcação do pensamento vigente na medida em que se denota outra visão no sentido de caminhar para uma sociedade cada vez mais desperta para a necessidade de conhecer e preservar as suas raízes.

O objecto de estudo da presente publicação incide sobre os maroiços existentes no nosso concelho da Madalena.

A elaboração deste estudo foi confiada à APIA, que tem trabalhado afincadamente na recolha de toda a informação histórica, arqueológica, arquitectónica, astronómica, etc., e que nos permite tirar já algumas conclusões, como poderão aferir pelo trabalho que a seguir é apresentado.

A brochura que o leitor terá agora nas suas mãos é deveras interessante do ponto de vista histórico arqueológico, uma vez que nos permite pôr em causa dados e informações que anteriormente eram totalmente desconhecidos por todos nós. Será sem dúvida uma importante contribuição para a compreensão e divulgação da História Local e Regional, numa tentativa de contextualizar a acção do homem e compreender as suas atitudes e comportamentos, crenças e rituais, expectativas e incertezas, êxitos e perplexidades, num território pouco fértil como é o do nosso concelho, se o compararmos com outros locais da própria ilha e arquipélago.

Este estudo que começou por ser um passo num esforço de inventário do património arquitectónico da nossa terra, está certamente a revolucionar todas as hipóteses históricas de ocupação do nosso

solo, permitindo desta forma ser mais um aliado na vertente de conservação dos nossos maroiços.

É certo que ainda temos um longo caminho a percorrer para um conhecimento mais profundo da História Local, no entanto, também é verdade que o trabalho já realizado neste escasso tempo permitte-nos alcançar conclusões deveras interessantes. A finalidade desta brochura é exactamente a partilha de alguns desses resultados científicos com a comunidade.

O pensamento científico está em permanente evolução. A Arqueologia e a História, como quaisquer outras ciências, também evoluem como resultado de novas pesquisas, novos paradigmas interpretativos, etc. Tenhamos um espírito aberto para que mesmo aqui, no arquipélago dos Açores, possam surgir estudos como este que possam pôr em causa ideias já instaladas, e não tenhamos medo das conclusões que a ciência nos poderá trazer. Foi esta a postura da Câmara Municipal da Madalena que, em colaboração com a APIA, e com a autorização do Governo Regional, através da Direção Regional da Cultura, ousou colocar este estudo no campo, tendo perfeita noção das controvérsias que isto poderia causar quer a nível local, quer na comunidade científica.

O conhecimento e interpretação do nosso passado é essencial para encontrarmos as respostas apropriadas para as questões do nosso presente e para a construção do nosso futuro. Espero que esta ache-ga para o aprofundamento do conhecimento do património concelhio nos proporcione novas oportunidade de desenvolvimento local e regional.

Aproveito a oportunidade para em nome da Câmara Municipal da Madalena, felicitar toda a equipa que concebeu e realizou este projecto, nomeadamente ao Dr. Nuno Ribeiro e à Dr.ª Anabela Joaquineto, bem como a todas as colaborações recebidas por outros cientistas neste estudo que espero prossiga nos próximos anos.

Introdução

Este projecto de investigação tem o objectivo de estudar as estruturas piramidais existentes no Concelho da Madalena na ilha do Pico. Pretende-se com este trabalho contribuir para o conhecimento histórico e arqueológico, dando seguimento aos trabalhos de valorização do património deste Concelho, desenvolvidos sobretudo, após os sismos de 1980 e 1998, pelos serviços da Câmara Municipal da Madalena. Foi nesse sentido que se realizou desde essa altura o registo e a enumeração das estruturas designadas por “Maroiços”. Dado que algumas destas tinham sofrido importantes impactes. Pretendeu-se também fazer a limpeza da vegetação que se encontra a afectar algumas das estruturas e realizar sondagens arqueológicas para apurar a existência de possíveis contextos arqueológicos preservados, a fim de avaliar o potencial arqueológico de alguns dos locais e se possível obter-se datações absolutas.

O estudo realizado é fruto da colaboração entre a Câmara Municipal da Madalena e a Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica (APIA).

O povoamento e a possível redescoberta

A ilha do Pico, de acordo com o testamento de D. Henrique era inicialmente designada por ilha de S. Dinis, cujo desembarque se realizou por volta de 1460. Porém já na cartografia do séc. XIV a ilha era sobejamente conhecida e designada por “ínsula de Columbis”, “Columbária” ou “ilha das Pombas”, e referida nos portulanos de Angelino Dalorto (1325), de Angelino Dulcert (1339), dos irmãos Pizzigani (1367), e nos Atlas de Mediceu de 1351, no Atlas Catalão de 1375 e no de Pinnelli Walchaener (1384). E no Livro autobiográfico de um frade mendicante espanhol intitulado “Libro del conocimiento de todos los reynos y tierras y señorios que son por el mundo...”, publicado entre 1345 e 1380, e cuja veracidade é posta em causa por alguns autores, porém narra a sua viagem pelo Atlântico, num navio mouro a partir do Cabo Bojador e durante a qual visitou as ilhas das Canárias, Selvagens, Madeira e Açores.

Estas são somente alguns dos dados cartográficos referentes ao século XIV, os quais continuam no século XV, com o mapa de Maciá de Viladestes de 1415 e o mapa de Bechario de 1435, cuja legenda referente às ilhas é “insulae de nuovo reperte” (ilhas que foram de novo achadas), até ao ano da descoberta oficial dos Açores em 1439 com a carta de Valsequea.

A forma como esse conhecimento foi alcançado é definida de forma clara nas palavras do historiador Jordão de Freitas: “Constrangidos pelas correntes e pelos ventos do norte, geralmente dominantes na Costa de África, e assim impedidos de retorno à vela, pelas mesmas águas em que na ida, sulcaram as naus que os transportavam – os expedicionários de Afonso IV, para regressarem à Península ter-se-iam visto na necessidade de se afastarem do litoral africano e fazerem-se ao largo. Velejando com o pano latino das suas embarcações e bolinando com bordos cada vez maiores, devido ao alargamento do vento com o amarrar, teriam atingido uma rota em arco, a zona dos ventos variantes ou ventos do oeste e desta maneira alcançando a altura em que as ilhas dos Açores emergem das águas. Assim acidentalmente as teriam encontrado aqueles expedicionários, ao mesmo tempo que descobriram o caminho ou derrota a caminho do sul.” (“As Ilhas do Arquipélago dos Açores na Expansão Portuguesa”).

A carta régia de Afonso V de 2 de Julho de 1439 autoriza o infante D. Henrique a colonizar 7 ilhas no arquipélago dos Açores, pois as ilhas das Flores e do Corvo, de acordo com este documento, provavelmente, não eram conhecidas.

A tese do povoamento definitivo da ilha apresenta 2 hipóteses para as origens das populações portuguesas:

1. Segundo Frei Agostinho de Monte Alverne os primeiros povoadores foram enviados por Joss van Hurtere ou Joz de Utra, que avistou da ilha do Faial a ilha do Pico em 1460 e foi o seu 1º capitão donatário a partir de 1482. A ilha do Pico foi nessa data integrada na capitania do Faial por ordem da infanta D. Beatriz. O seu filho Joss de Utra foi o 2º capitão donatário. A 1ª povoação foi S. Mateus, cerca de 1466 e o povoamento foi feito ao longo da costa. (“Crónicas da Província de São João Evangelista”)
2. De acordo com o Frei Diogo Chagas foi Fernandes Alvares Evangelho que iniciou o povoamento na área das Ribeiras, o qual viveu com o seu cão na ilha durante um ano vivendo do gado anteriormente lançado na ilha na 1ª metade do séc. XIV, segundo o cronista, a Fernandes Alvares Evangelho mais tarde se associou um grupo de portugueses recém-chegados, que alargaram a sua área de influência para as Lajes, usufruindo de um local onde o desembarque e a água doce eram mais acessíveis. (“Espelho Cristalino em Jardim de várias Flores”)

O cronista e padre António Cordeiro escreveu sobre o tema “... donde por mais provável, que da mesma Terceyra, São Jorge, e Graciosa forão à Ilha do Pico os primeyros, e segundos Povoadores; e que o dizerse, que o Flemengo fidalgo Joz de Utra, Donatário do Fayal, foy o que povoou a Ilha do Pico, não quer dizer que de Flamengos fosse povoada, mas que como mais vizinho...” (“Historia Insulana”)

O historiador Dr. Francisco Carreiro da Costa acredita que “Para o Pico foram, primeiro, famílias terceirences que se instalaram para a banda das Lajes, e depois, flamengos idos do Faial...” (“Esboço Histórico dos Açores”).

Em 1501, Lajes do Pico, foi a 1ª sede de concelho da ilha, seguida em 1542 pelo concelho de São Roque do Pico e em 1712 ou 1723, pelo concelho da Madalena.

As estruturas piramidais ou “Maroiços”

A sua localização e toponímia

No concelho da Madalena, em Valverde, Criação Velha e Sete Cidades existe uma paisagem monumental formada por centenas de estruturas piramidais (Fig. 1 e 2) que segundo a designação popular designou por: “maroiços”. O nome “Maroiço” tem várias variantes na sua ortografia, como “marouço”, “mouço”, “maroço” e “me-roço” e o significado é um monte de pedras, associado à limpeza de terrenos agrícolas, segundo a tradição local. O nome aparece também associado a monte (do latim “mons”), mamôa (do latim mammula) e madorra (Beira Alta), aplicado a um antigo monte de pedras miúdas, cascalho e terra. Este topónimo aparece também em documentos antigos e em Portugal continental em antigos Forais e frequentemente em topónimos associados a monumentos funerários Pré-históricos.

Fig. 1 - Localização dos sítios estudados, escala 1/25 000, carta militar Folha n.º 7



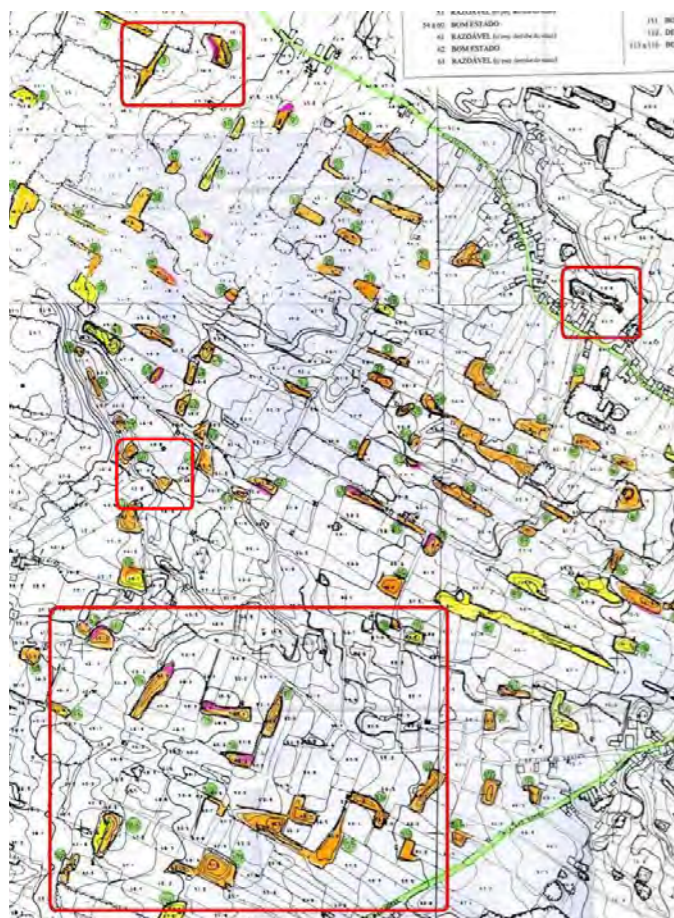


Fig. 2 - Principais áreas estudadas em Valverde, em cima sítios 7 e 8, a meio sítio 119 e em baixo sítio n. 48 e área do complexo, sítios n. 66, 107A 107B

A sua descrição

As estruturas piramidais existentes na ilha do Pico têm uma designação específica, segundo a classificação publicada no (Diário da República, 1.a série — N.º134 — 13 de Julho de 2006); sendo descritas como construções, por pedras de forma grosseiramente cónica, piramidal, frequentemente escalonada ou com a estrutura de maciço alongado mais ou menos extenso, sendo construído com pedras maiores nos paramentos laterais, de aparelho irregular, e no enchimento interno e na parte superior convexa com pedra miúda amontoada.

De acordo com o antropólogo Rui de Sousa Martins "Estas grandes obras e até os abrigos simples e exíguos não dispensavam o conhecimento especializado de pedreiros capazes de construir pseudocúpulas seguras, com pequenas pedras." ("Construções de Falsa Abóboda nas Paisagens de Pedra Seca da Madalena do Pico") Estas construções de pedra seca após uma observação atenta, apresentam várias tipologias distintas de acordo com as suas características morfológicas e provavelmente cronológicas:

Alguns factos observados na análise das estruturas

1) As suas dimensões:

- a. maroiços com cerca de 20 metros de largura por 6 metros de altura, os quais surgem associados a estruturas no seu interior;
- b. maroiços com cerca de 10 metros de largura por 13 metros de altura, escalonados com degraus de cerca de 1 metro de altura e com rampa lateral até ao topo;
- c. maroiços entre 3 a 5 metros de altura.

2) Associadas a outros elementos arquitectónicos: com um longo terraço no topo, com murete a delimitar a área superior, com estruturas na plataforma superior.

Orientação geográfica das estruturas

Os Maroiços estudados, pouco mais de uma centena, concentram-se numa área de 6 km², a SE da Madalena (fig. 3), em terreno com um declive suave de 3°, orientado para Oeste (270°). Estão localizados em sítios que apresentam um horizonte distante entre os 105° - 135° e entre os 280° - 330° de Azimute (fig. 4), com a direcção do topo da montanha do Pico a cerca de 120° de azimute.

As orientações dos eixos maiores dos Maroiços concentram-se em duas direcções ortogonais tão bem definidas (fig.5) que a probabilidade desta distribuição ter sido por acaso é muitíssimo inferior à probabilidade de se acertar no 1º prémio do Euro milhões com uma única aposta!

Como as orientações para NE e SO correspondem a horizontes próximos, fechados, como representado na (fig.4), a direcção principal



Fig. 3 - Localização das áreas estudadas na ilha do Pico

que orienta o eixo maior dos Maroiços estará sobre a linha 120° - 300° (fig. 6). Essa direcção corresponde, para nascente, ao topo da montanha do Pico (fig. 7) e, para poente, ao ocaso do Sol no solstício de Verão sobre a ilha do Faial (fig. 8).

Na construção dos Maroiços e, talvez por consequência, nos muros que separam as propriedades da mesma zona, terá sido integrada uma regra de ordenamento espacial que parece associar, talvez por razões ritualistas, a montanha do Pico e, em particular, a direcção do ocaso do Sol no solstício de Verão.

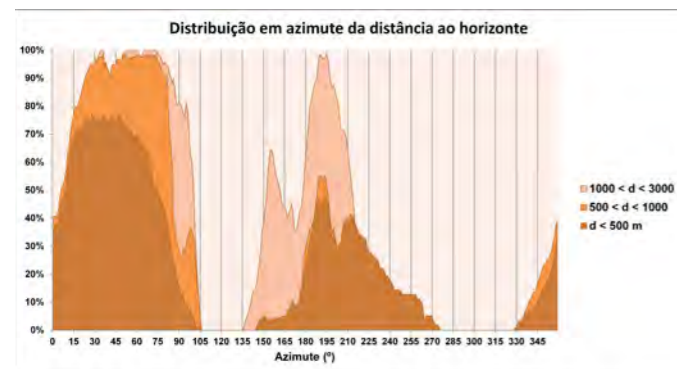


Fig. 4 - Distribuição em azimute da distância ao horizonte

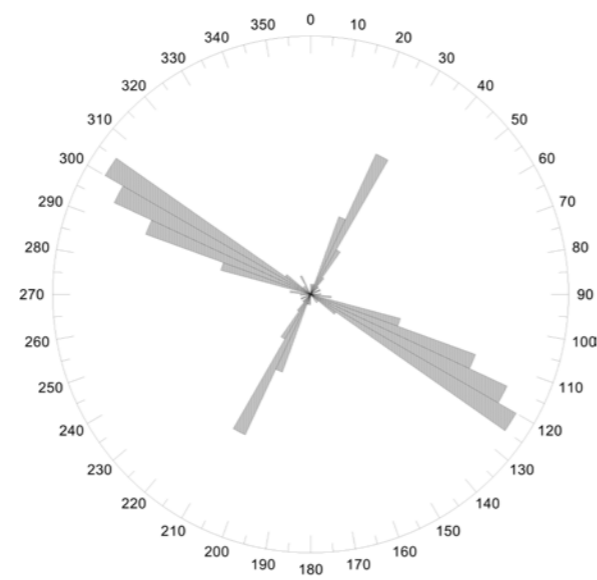


Fig. 5 - As orientações dos eixos maiores dos Maroiços concentram-se em duas direcções ortogonais tão bem definidas

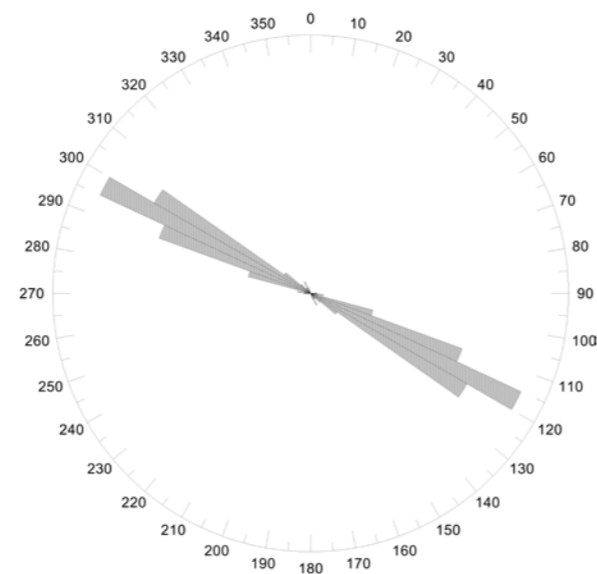


Fig. 6 - Direcção principal que orienta o eixo maior dos Maroiços estará sobre a linha 120 - 300

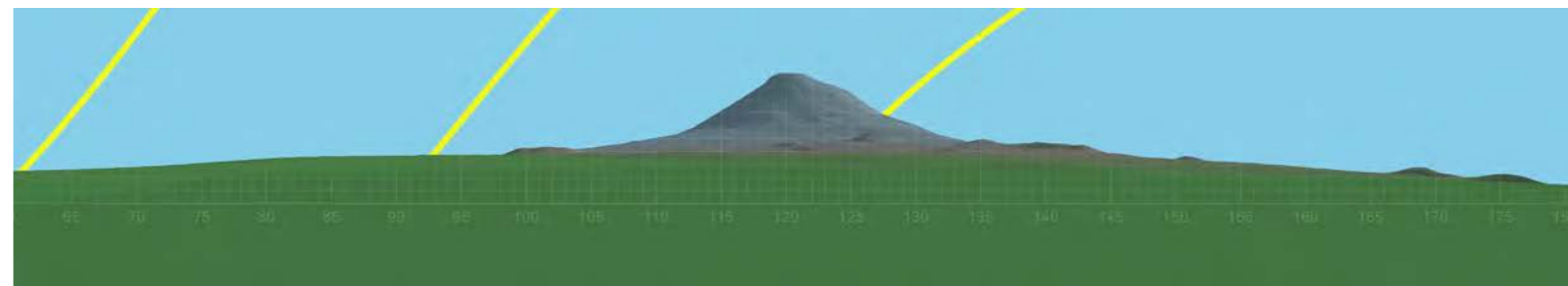


Figura 7: Horizonte para nascente com as trajetórias do nascimento do Sol no solstício de Verão, nos equinócios e no solstício de Inverno, sobre a encosta Sul da montanha do Pico



Figura 8: Horizonte para poente com as trajetórias do ocaso do Sol no solstício de Inverno, nos equinócios e no solstício de Verão, sobre a Ilha do Faial

Inventariação, metodologia e tratamento de dados

Com a primeira visita que um dos autores efectuou em Agosto de 2012, iniciámos um processo que culminou com a apresentação de um projecto de investigação à Câmara Municipal da Madalena do Pico, tendo como objectivo a realização de um inventário fotográfico e tipológico das estruturas observadas.

Segundo a tradição, com base na memória popular e os poucos estudos etnográficos existentes, indicavam que as estruturas teriam uma cronologia do século XVII ao XIX. Justificando-se a construção destas estruturas com a necessidade da limpeza dos solos, arrumando-se desta forma o “biscoito”, (basalto) em estruturas piramidais. Contudo na nossa opinião essa razão não respondia à totalidade do problema, dada a existência de várias edificações com mais de 10 metros de altura, seguindo uma mesma orientação. Outra razão

que tivemos em conta, foi o facto de não existir no espaço português esta opção arquitectónica em mais nenhum outro local; estando o fenómeno localizado apenas nesta parte da ilha, entre a área das Sete Cidades, Valverde e a Criação Velha, no Concelho da Madalena.

Outro factor que tivemos em conta e que nos despertou a atenção é o facto de existirem paralelos arquitectónicos noutras regiões, por exemplo no mediterrâneo, na ilha da Sicília e no arquipélago das Canárias em Tenerife (Guimar). Este facto obviamente nesta fase não passa de uma curiosidade.

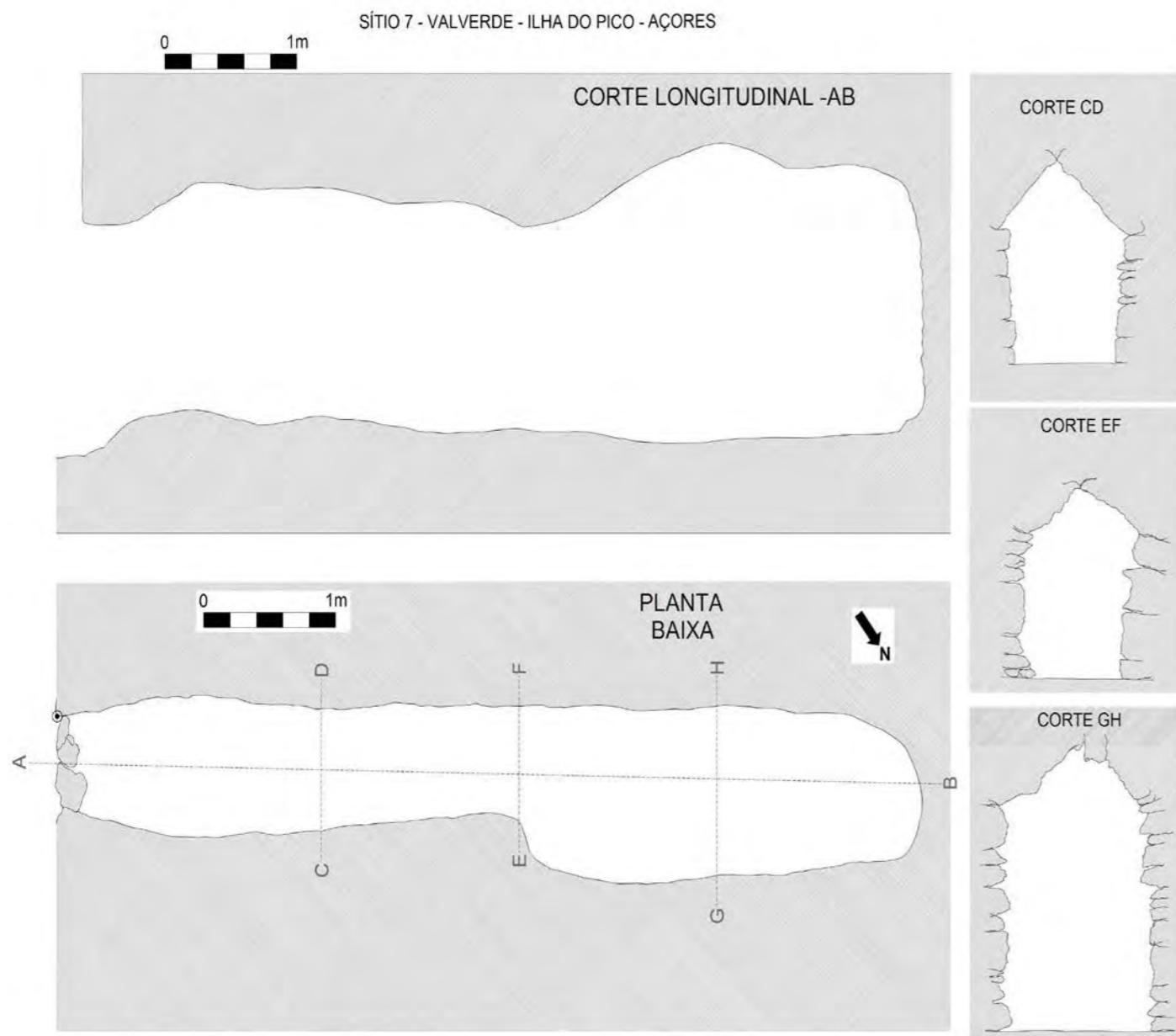


Fig. 9 - Plantas sítio 7

Assim delineou-se um projecto onde a inventariação, seria realizada através da visita às estruturas, subindo-se até ao topo das mesmas sempre que fosse possível, fazendo-se um registo fotográfico, registo de sítio através de fichas individuais, com a descrição das características do monumento, coordenadas geográficas e várias observações que permitissem uma análise estatística e de registo fiável. Os trabalhos estiveram divididos em duas fases distintas, trabalho de gabinete e de campo. Sendo que essa fase esteve dividida em 3 períodos: visitas, em Abril, Junho/Julho e Agosto. Durante este processo optou-se também por se realizar sondagens arqueológicas numa estrutura já identificada no ano de 2012, dadas as suas características ímpares (sítio n.º7, fig. 9 a 14).



Fig. 11 - Corte longitudinal (A-B) do sítio 7

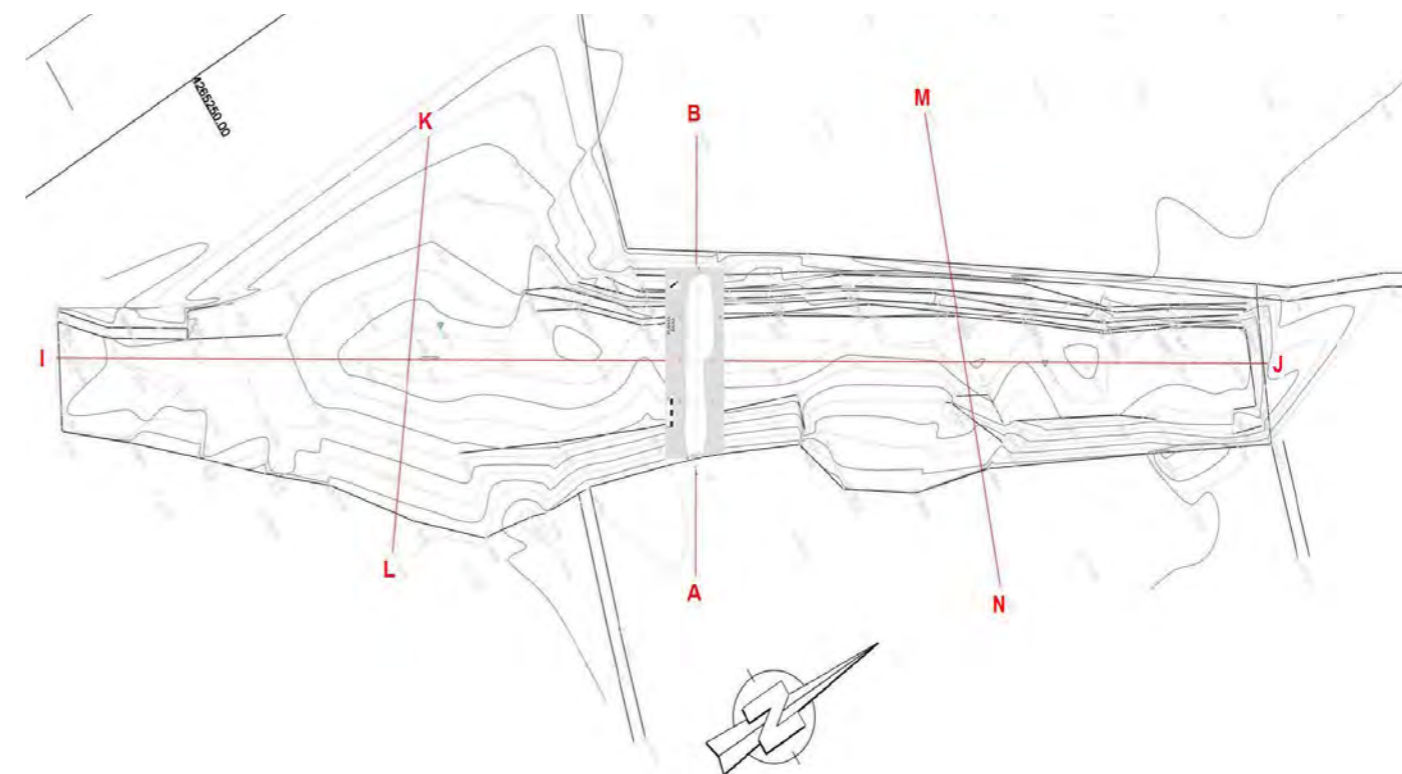


Fig. 10 - Planta topográfica sítio7



Fig.14 - Vista do monumento

Prospecção arqueológica desenvolvida e recolha de dados.

Durante este trabalho efectuou-se a observação de cerca de 140 estruturas referidas por “maroiços”, algumas destruídas ou parcialmente derrubadas na sequência dos sismos ou pela acção humana. Das várias estruturas piramidais observadas, destacam-se um conjunto de sítios que iremos descrever de seguida:

O sítio n.º122, situa-se na área habitacional das Sete Cidades (fig.15), junto da Estação Agronómica, Serviço de Desenvolvimento Agrário do Pico. Tendo uma forma escalonada, e planta oblonga (fig.16), com a orientação NO/SE. Detectando-se num dos topos da mesma um possível vestígio de um piso antigo (fig.17) que é constituído por seixos rolados de origem marinha, formando uma planta circular assente numa plataforma criada na extremidade do maroiço/estrutura piramidal e aproveitando a sua parede como protecção. A sua planta e formação colocam a hipótese de ser uma base de habitação combinada com uma estrutura superior percível. O piso encontra-se parcialmente coberto por pedras basálticas provenientes do desabamento do “maroiço”.

Os povoados fortificados Proto-históricos apresentam esse tipo de piso como base de cabana coberto com argila e cascalho de pavimentação. O povoado de São Julião, na bacia do rio Cávado, apresenta plataformas de habitação semelhantes com cerca de 5 metros de diâmetro ou o castro de Penalba em Pontevedra com bases de cabanas com cerca de 6 metros de diâmetro e uma lareira central.

Na superfície do piso foram identificados 7 instrumentos em basalto, a distribuição dos artefactos na superfície do piso e o facto de três apresentarem acção térmica, leva-nos a considerar ser consequência da sua utilização e possível actividade de talhe no local.

A nível morfológico e funcional a tipologia e tecnologia destes artefactos não são diferentes dos das comunidades pré-históricas, proto-históricas ou das que possuíam os povos Guanches nas ilhas das Canárias no século XV ou dos utensílios de culturas primitivas actuais, como os povos bosquímanos, caçadores-recolectores a viver no sudoeste de África.



Fig. 15 - Localização do sítio 122



Fig. 12 - Vista da entrada do monumento



Fig.13 - Pormenor do corredor do monumento



Fig.16 - Sítio 122 - Localização do piso de cabana sobre o "Maroiço"



Fig.17 - Sítio 122, piso de cabana

O conjunto de artefactos, representa um padrão de utensilagem de actividades diárias, produzido na única matéria-prima disponível na ilha, o basalto. Porém, existem variações no basalto dos artefactos, em função da quantidade de ferro e gás que possuem, criando diferenças no peso e durabilidade da pedra basáltica. O que parece indicar uma intencionalidade na escolha deliberada dos seixos para a produção de instrumentos tendo em conta as suas propriedades.

A análise e caracterização do espólio lítico permitiram estabelecer as seguintes tipologias:

1) Raspador sobre lasca, com retoque parcial lateral/frontal, inclinação semi-abrupta e secção triangular. A área junto ao bordo esquerdo foi intencionalmente adelgaçada, uma lasca foi removida e esse levantamento permitiu criar um gume mais fino (fig. 18 e 19);

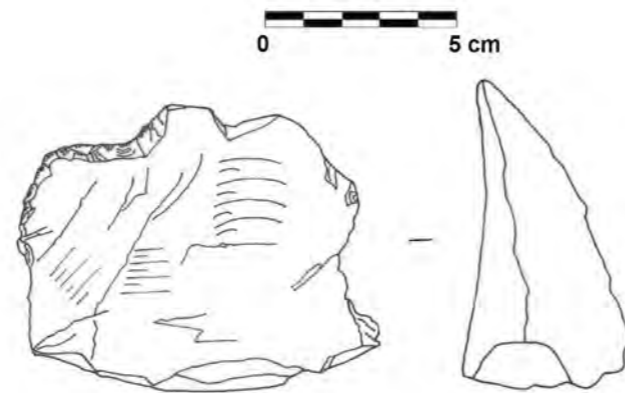


Fig. 18 - Desenho de raspador sobre lasca em basalto



Fig. 19 - Foto de raspador sobre lasca em basalto

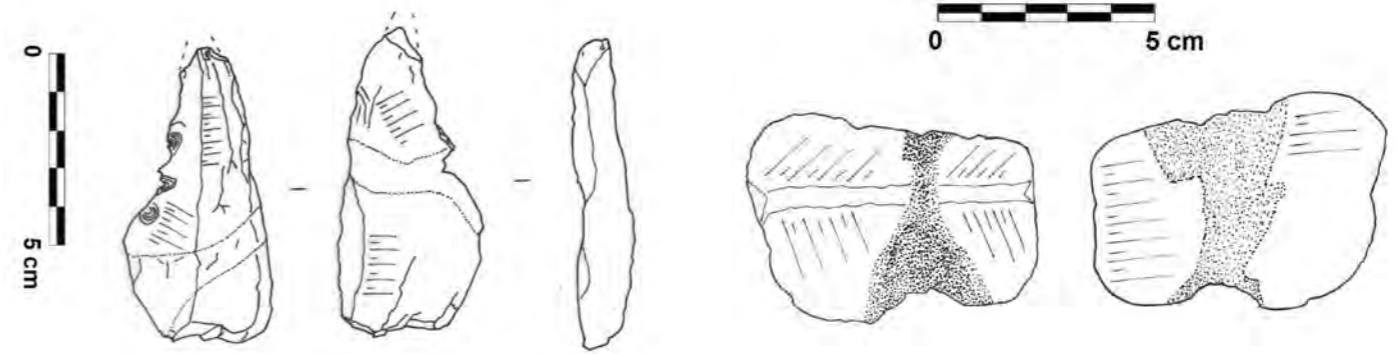


Fig. 20 - Desenho de ponta retocada em basalto



Fig. 21 - Ponta em basalto (reverso)

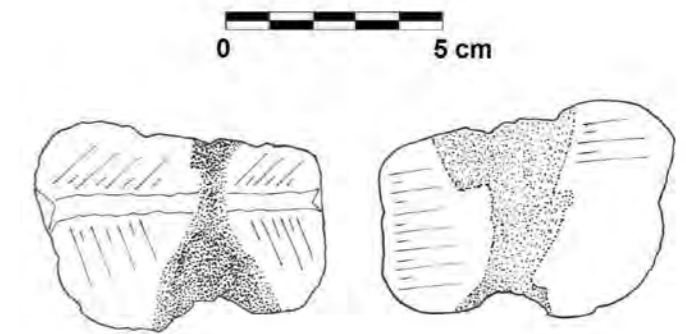


Fig.22 - Peso de rede em basalto

2) A ponta tem um retoque parcial no bordo esquerdo, o dorso abatido e a extremidade distal fracturada. Apresenta marcas de utilização através de negativos bifaciais criados quando da fixação do suporte para o encabamento (fig. 20 e 21);

3) Peso de rede, apresenta sulcos produzidos pelos negativos contínuos bifaciais produzidos pela fixação de corda e possui uma secção trapezoidal (fig. 22);

4) Dormente, indica um uso ligado à trituração, apresenta uma superfície activa côncava e algumas linhas incisas no anverso, uma secção transversal convexo-concava e uma acção térmica parcial, factor comum a outros dois instrumentos;

5) Polidor, ambas as faces apresentam um polimento obtido por abrasão, de secção elíptica e sinais de acção térmica bifacial;

6) Furador, com retoque parcial descontinuo no bordo esquerdo e a ponta fracturada. No reverso apresenta dois planos convergentes á extremidade distal. Com secção trapezoidal e produzida sobre uma lasca;

7) Raspador com um retoque parcial lateral e frontal, com remoções paralelas e inclinação abrupta. Regista-se acção térmica bifacial e um aparente reavivamento do retoque.

O "Complexo"

O "complexo", designação que a equipa de arqueologia usou para descrever o local formado pelos sítios n.º 104 e 105 (fig.23 a 27), dada a existência de vários edifícios piramidais organizados de forma a criar uma espécie de "praça" ampla, em que se acedia apenas por um dos lados. Esta organização do espaço não pode ser explicada apenas como limpeza dos terrenos, pois terá envolvido um grande planeamento e um trabalho colectivo que terá demorado alguns anos a construir seguindo sempre o mesmo plano.

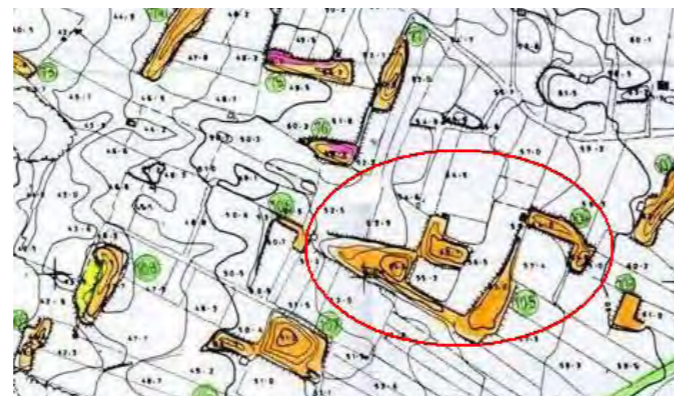


Fig.23 - Planta de localização da área do "Complexo"



Fig.25 - Vista da "praça", área do complexo, sítio 105



Fig.28 - Vista do sítio 107



Fig.26 - área do complexo, sítio 105



Fig.29 - Vista do sítio 107B, com estruturas no topo



Fig.27 - Área do complexo, sítio 105



Fig. 24 - Planta topográfica da área do complexo

Mais espantoso é o facto de estas estruturas obedecerem às mesmas orientações dos outros monumentos de Valverde e Sete Cidades, com aparentes motivações astronómicas.

Próximo desta área anteriormente descrita observaram-se várias estruturas de planta de base rectangulares ou oblongas, todas piramidais, algumas delas com cerca de 10 metros de altura; sítios n.º66, 75, 76, 77, 103, 108. Em duas destas estruturas piramidais de grande beleza, sítios n.º107A (fig. 28) e 107B, (fig. 29) observou-se no topo vários elementos arquitectónicos, e arqueológicos, nomeadamente no sítio 107A, a existência de estruturas com a forma de “cistas” (fig. 30 a 32), cerca de 18, com vários formatos: oblongas e circulares. Raramente ultrapassando o 1,5m de diâmetro. Não foram recolhidos materiais arqueológicos neste local. Saliente-se também a existência de dois possíveis “canais”, que ligam algumas destas estruturas. Estes dois “canais” são formados por uma depressão ar-

tificial provocada pela forma como colocaram as pedras sobre a superfície. Saliente-se que estas estruturas “cistóides”, apresentam-se sobre o topo do monumento que tem uma forma piramidal, onde o topo se encontra em mau estado de conservação. Numa observação mais atenta percebe-se que estas construções não deverão ser contemporâneas do edifício piramidal. Acreditamos que estas construções “cistóides” deverão ser de uma ocupação posterior. Futuros trabalhos arqueológicos no local poderão responder as estas perguntas.

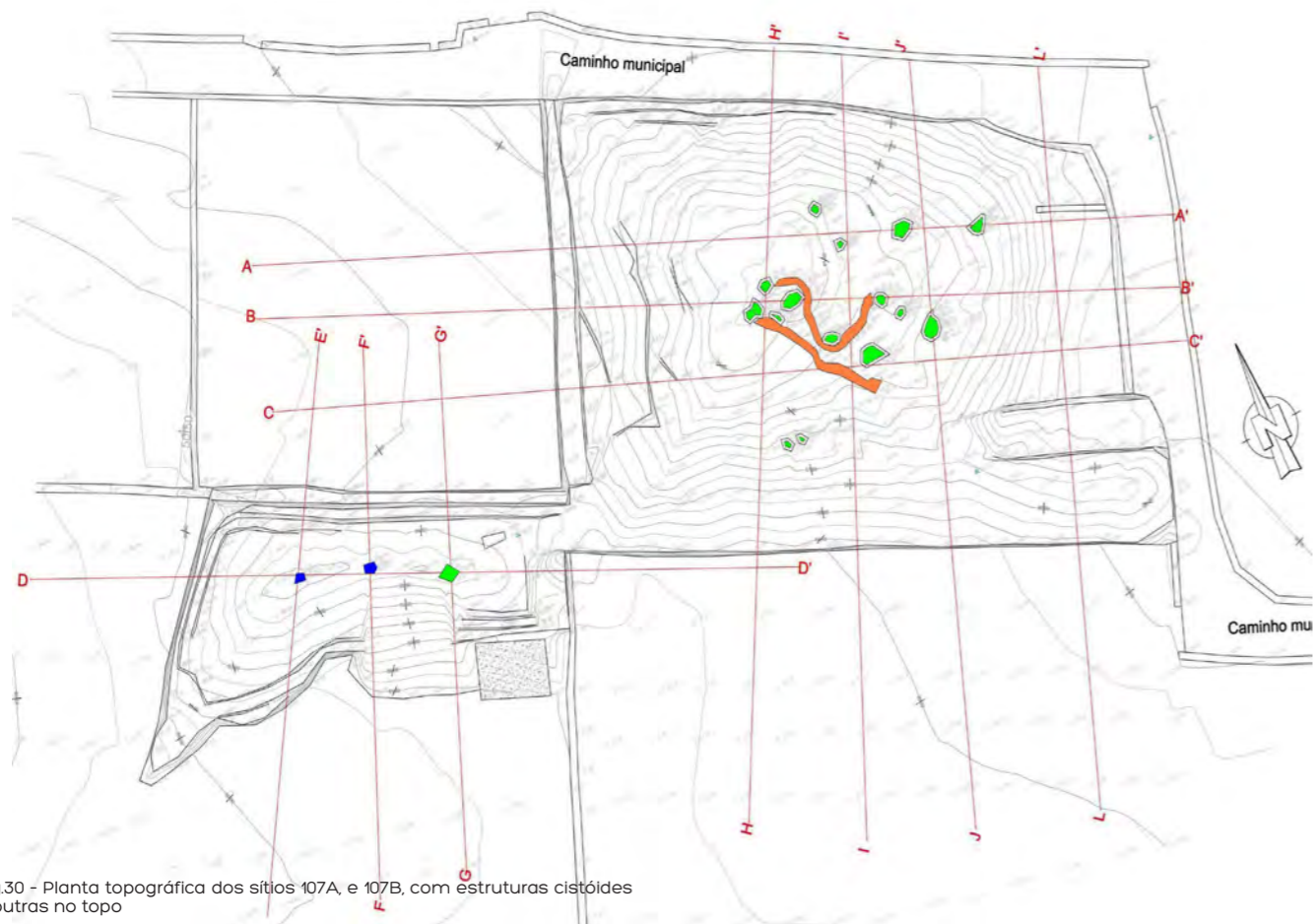


Fig.30 - Planta topográfica dos sítios 107A, e 107B, com estruturas cistóides e outras no topo



Fig.31 - Estrutura cistóide sítio 107



Fig.32 - Estrutura cistóide sítio 107



Fig.33 - Vista geral do sítio 107B

A estrutura piramidal sítio n.º107B, encontra-se ligada à anterior, apresenta uma planta rectangular de base (fig. 33) e é escalonada, apresenta um derrube num dos lados. No topo apresenta duas pequenas construções do tipo pináculos quadrangulares (fig. 34 a 36), uma numa das pontas da estrutura e outra a meio, existindo ainda na outra ponta uma depressão quase circular ou oblonga. Do lado SE, apresenta os vestígios de uma pequena parede formada com pedras, com cerca de 40 cm de espessura e menos de 50 cm de altura, que contorna o topo da pirâmide.

Observou-se também uma estrutura piramidal quase cónica, totalmente artificial, com uma possível porta, emparedada, sítio n.º48 (fig. 37).

Por último dos sítios observados destaca-se ainda um sítio em Valverde, sítio 119 (fig. 38), com uma forma oblonga, com cerca de 8 m de altura, e cerca de 20 m de comprimento, com a particularidade de existir uma câmara a meio da estrutura, apesar da ausência de corredor, esta estrutura de falsa cúpula apresenta algumas características arquitectónicas semelhantes ao sítio número 7.



Fig. 34 - Pormenor das estruturas do tipo pináculo no topo do sítio 107B



Fig.35 - Pormenor das estruturas do tipo pináculo no topo do sítio 107B



Fig.36 - Pormenor das estruturas do tipo pináculo no topo do sítio 107B



Fig.37 -Vista do sítio 48, com possível porta



Fig.38 - Vista do sítio n.119



Fig.39 - Vista do sítio n.8

Sondagens arqueológicas desenvolvidas

Introdução

O Sítio nº7 é caracterizado pela existência de uma estrutura com mais de 20 metros, oblonga e escalonada. Apresenta no seu centro uma entrada que dá acesso a um corredor estreito e comprido que por sua vez dá acesso a uma câmara substancialmente mais larga que o corredor. Todo o conjunto foi construído em falsa cúpula, apresentando ainda uma planta uterina, dadas as suas características arquitectónicas. Saliente-se que esta estrutura no interior do monumento, foi construída de forma perpendicular à estrutura oblonga de aspecto monticular e piramidal.

Os trabalhos correspondentes às sondagens arqueológicas foram realizados entre os meses de Julho e Agosto, tendo sido iniciados com a limpeza da área envolvente através do corte da vegetação, escolha dos locais das sondagens, marcação das quadrículas e desenho da planta geral.

O local é geologicamente constituído por uma paisagem onde a terra existente no solo resulta da fragmentação do “biscoito” (basalto),

resultando solos muito ácidos e pobres.

O terreno envolvente apresenta muros de divisão de propriedade provavelmente centenários, bastante altos. O acesso faz-se por uma estrada vicinal que dá acesso à povoação de Valverde.

O sítio nº7 encontra-se num terreno plano e nas proximidades de um outro sítio designado por sítio nº8, que apresenta uma planta diferente do anterior, dado que esta estrutura se projecta em altura, com cerca de 13 metros (Fig.39 e 40). Apresentando vários níveis de degraus com mais de 1 metro de altura, também com uma forma piramidal. Apresenta ainda uma possível rampa de acesso ao topo e uma outra característica, a existência de uma espécie de degraus, com mais de 1,5m de altura numa das extremidades do monumento.

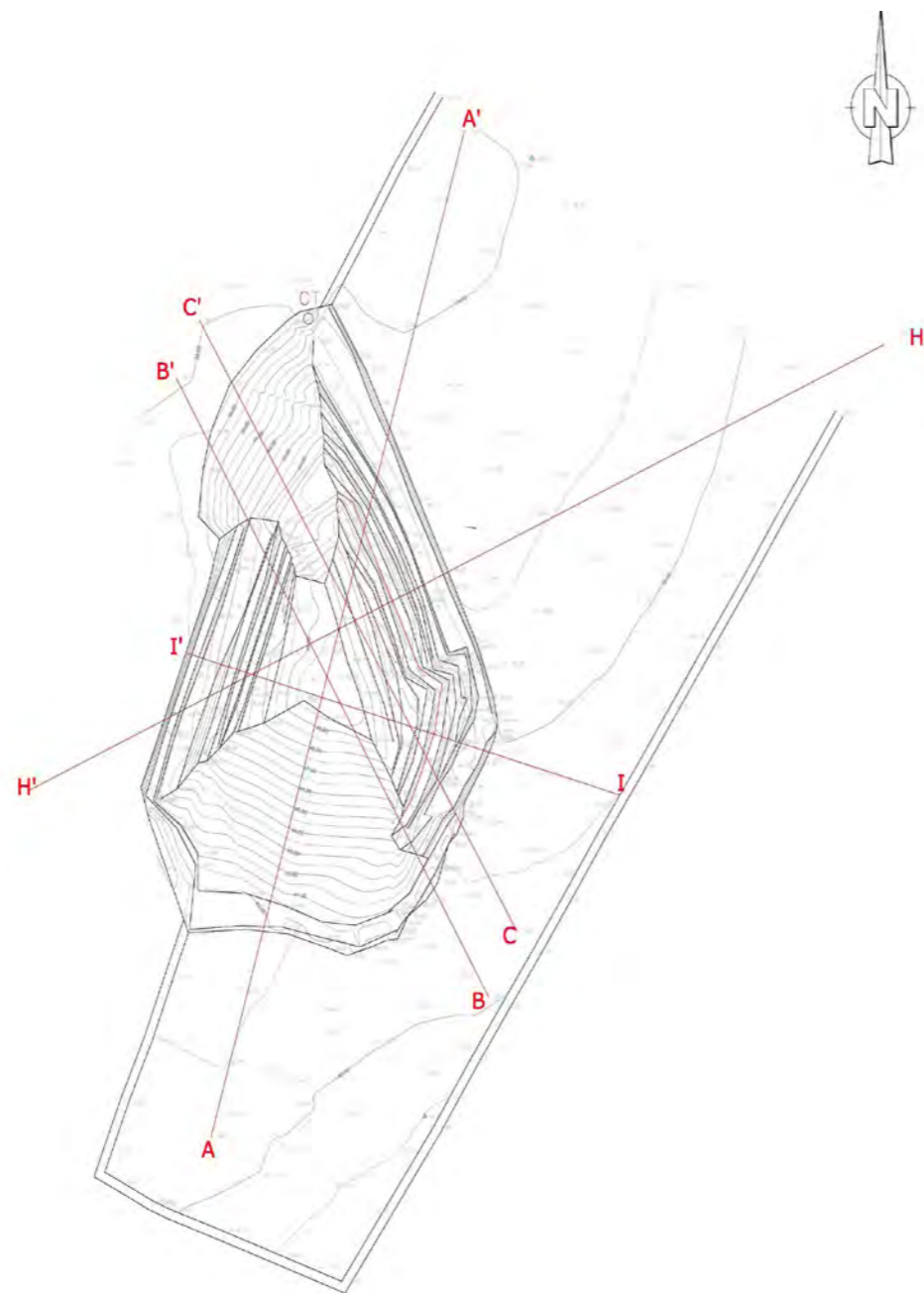


Fig. 40 - Planta topográfica do sítio 8

Metodologia utilizada nas sondagens arqueológicas

Com a descoberta da construção em falsa cúpula, descrita como tendo um corredor com cerca de (4 m) e uma câmara com cerca de (2 m) associada e com uma planta uterina, desde o corredor até à câmara; e inserida num monumento piramidal designado por monumento n.º7, foi solicitado previamente a autorização à direcção regional de cultura do arquipélago dos Açores para a realização de 3 sondagens arqueológicas para averiguar a existência de níveis arqueológicos que pudessem esclarecer a cronologia do monumento e em caso disso as suas várias fases de ocupação. Para a realização deste trabalho foi utilizada a metodologia habitual em trabalhos de sondagens arqueológicas manuais, a qual será descrita de seguida:

O trabalho consistiu na realização de uma decapagem manual de áreas quadriculadas com o intuito de avaliar o potencial do sítio; todo o trabalho foi registado e documentado utilizando as técnicas habituais.

Numa primeira fase, e após os registos fotográficos iniciais, procedeu-se ao corte da vegetação existente no terreno, dado que se verificava que se encontrava a destruir o monumento, através da existência de raízes de várias árvores que cresciam sobre o mesmo. De seguida, procedeu-se à implantação das quadrículas de referência orientadas através de uma linha ou eixo (X) de referência que começava na entrada no monumento e que se estende até ao interior da câmara e que marcava um ponto topográfico "ponto 0", no seu início, onde o zero convencional corresponde a um sítio fixo escolhido para essa função, com a localização: 29S0367105/4265414, com uma cota absoluta de 36 metros de altitude; procedeu-se também ao levantamento topográfico do monumento.

Por fim, em gabinete, fez-se o tratamento gráfico dos desenhos de campo, plantas e estudo dos materiais arqueológicos recolhidos.

Sondagem I: A primeira sondagem implantou-se no interior da câmara a cerca de 4 m da entrada onde começa o ponto 0, aproveitando-se esta linha como eixo (X). O rectângulo marcado para a sondagem I, tem 1 metro de comprimento por 0,50 metros de largura.

Descrição dos trabalhos e da estratigrafia observada

Sondagem I

Em primeiro lugar devemos fazer aqui uma anotação preliminar ao leitor deste artigo, dado que este trabalho não pretende reportar os resultados da intervenção arqueológica que aliás ainda decorre, enquanto estamos a escrever estas linhas (19 de Agosto 2013). Mas não queríamos deixar de deixar aqui esta nota, sobretudo porque esperamos enviar para laboratórios duas amostra de carvões que deverão datar pelo menos uma das fases de ocupação do monumento n.º7. Esperamos apresentar ao público e à comunidade científica nacional e internacional os resultados destes trabalhos de sondagens ainda este ano em congressos e em revistas especializadas. Assim falaremos aqui apenas de alguns resultados possíveis de aferir com base nos trabalhos arqueológicos realizados na primeira sondagem arqueológica que se realizou no interior da câmara do monumento n.º7.

Após os trabalhos habituais de corte da vegetação no exterior do monumento, de topografia e registo fotográfico, foi escolhido o local para a implantação da quadriculagem, onde se realizaria a primeira sondagem.

Os trabalhos seguiram um método de escavação/ decapagem manual de níveis artificiais de 10 cm, registando-se sempre cada nova unidade estratigráfica que surgisse.



Iremos aqui de seguida descrever de forma sucinta apenas as unidades estratigráficas observadas na sondagem I que se realizou no interior do monumento.

EU-I – Camada de terra castanha com pedras (biscoito), com muitas raízes.

UE-II – Terra castanha com algumas raízes, contendo num dos quadrantes da sondagem, um depósito de artefactos constituídos por pontas de metal e anzóis, na outra ponta da sondagem começa-se a detectar o escurecimento da terra, aparecem dispersos pela sondagem vários fragmentos de ossos, detectou-se também vários possíveis pesos de rede esféricos (esferóides), uma ponta em pedra partida. Foram ainda recolhidas conchas sobretudo na área mais escurecida, nas proximidades dos ossos.

EU-III – Camada com bastantes pedras, por vezes com espaços livres (bolsas) entre elas, por toda a unidade a terra é castanha escura, contendo alguns carvões e conchas.

UE-IV – Esta unidade apresenta até ao momento, 35 cm de espessura (fig. 41), e é formada por uma camada negra com uma elevada densidade de termoclastos de diferentes dimensões, concentrações de carvões, fragmentos de fauna malacológica e um espólio artefactual diretamente associado constituído por um fragmento de um pequeno recipiente cerâmico possível jarrita e uma peça lítica.

Este comportamento parece indicar a presença de um ritual funerário de incineração, porém é de salientar a ausência de fragmentos ósseos, tal pode dever-se a uma incineração “completa” e à exposição a agentes biológicos e climáticos a que o contexto foi sujeito.

Fig.41 - Pormenor da sondagem I, interior do monumento, sítio 7 (Valverde), unidade estratigráfica IV, onde se pode observar uma camada bastante espessa de carvões.

Espólio Arqueológico das sondagens arqueológicas do monumento número 7.

O monumento nº 7, com uma estrutura interior de tipo “tholos”, foi violado em época indeterminada, e a forma como esse factor comprometeu o espólio arqueológico existente é impossível de determinar. Porém a câmara do monumento, actualmente a ser sujeita a sondagens arqueológicas, possui estratigrafia, com uma expressão significativa.

O conjunto de artefactos recolhidos na sondagem I, apresenta-se expressivo e heterogéneo, enquadrado num horizonte ligado à actividade piscatória. O espólio exumado é constituído maioritariamente por peças em metal como pontas e anzóis; artefactos líticos como esféróides, prováveis pesos de rede e um fragmento de uma ponta em pedra; e fragmentos de possível fauna terrestre e fauna malacológica.

A pesca para as comunidades que viveram na ilha terá sido a base da sua alimentação e factor essencial para a sua sobrevivência em qualquer fase da sua ocupação.

Uma das espécies de pescado, mais importantes para esta indústria, desde os Fenícios, foi os tunídeos. De acordo com um texto de pseudo-Aristoteles, existia uma procura intensa de atum no Atlântico, que era vendido aos cartagineses (Garcia Vargas, Ferrer Alberda, 2006) e “Dicen que los fenicios que habitan la llamada Gadir, cuando navegan más allá de las Columnas de Heracles, con viento de Levante arriban en cuatro días a unos lugares desiertos, llenos de algas y de ovas que durante la bajamar no se ven bañados, pero que se inundan con la pleamar. Y que en ellos se encuentra una extraordinaria cantidad de atunes de increíble tamaño y grosor, cuando se quedan varados. Una vez que los salazonan y envasan, los llevan a Cartago. Son estos los únicos que no explotan los cartagineses, ya que por la calidad que tienen como alimentos, los consumen ellos mismos” (THA IIB, 66; Bernabé, 1999).

Durante os trabalhos arqueológicos efectuados na sondagem I, recolheu-se um conjunto de materiais metálicos: os anzóis são três incompletos e seis fragmentos e nenhum possui a barbela, o an-

zol de maiores dimensões possui 8 cm de comprimento (Fig. 42), constituído somente pela haste e o olhal em pata. Dos restantes oito exemplares, três apresentam apenas a haste, e dois tem o olhal, ambos em pata, mas um apresenta a particularidade de estar dobrada em argola (Fig. 43). A ausência da barbela na totalidade dos anzóis é um factor a considerar, tal se deve provavelmente ao mau estado de conservação provocado pela corrosão. Os primeiros anzóis de cobre com barbela surgiram na Idade do Bronze, cuja ideia surgiu da eficácia dos projecteis como as pontas e lanças com aletas em pedra e osso, e as morfologias dos anzóis não sofreram alterações, mantendo a mesma forma e design dos anzóis actuais.



Fig.42 - Anzol



Fig.43 - Anzol



Fig.44 - Pontas de metal

As 16 pontas em metal recolhidas, apresentam-se em mau estado de conservação, e são na sua maioria representadas pela parte distal. Neste conjunto assinalou-se a presença de uma ponta triangular com pedúnculo, de reduzidos parâmetros métricos, somente 2,2 cm de comprimento por 1,9 cm de largura (fig. 44 e 45). A sua função seria provavelmente a de um pequeno projectil, como elemento de lança ou arpão, usadas com função própria ou como peça auxiliar em armadilhas.

O acentuado estado de corrosão das peças, impossibilita-nos, de momento, de determinar a sua classificação tipológica e dimensões originais. A indústria metálica presente indica a importação da matéria-prima ou das peças, visto que esses recursos não existem na ilha do Pico.



Fig.45 - Pontas de metal

Na indústria lítica recolhida a matéria-prima é exclusivamente em basalto, representada por dois esferóides, prováveis pesos de rede, pois as marcas de utilização de corda apresentam-se em vários negativos contínuos, convergentes e cruzados (fig. 46). Os pesos de rede são comuns em contextos piscatórios desde o Neolítico, os retirados da sondagem não apresentam nenhum entalhe lateral, característica comum nos pesos de rede em pedra para melhor fixação da corda, mas não definidora.

Neste conjunto assinala-se também uma peça que apresenta características morfológicas de ter sido uma ponta em pedra, conserva apenas a sua parte proximal com o pedúnculo retocado, de forma a criar uma delineação côncava. Um instrumento atípico e com um talhe simples, e com uma cronologia e uma tipologia extensa, porém que usa a matéria-prima abundante na ilha, sem obedecer a marcos definidores de um momento da Pré-história ou História do homem (fig. 47).



Fig.46 - Peso de rede



Fig.47 - Fragmento de ponta em pedra

A completar este conjunto, uma peça de função indeterminada, um fragmento de “biscoito”, pedra vulcânica local de cor escura, cuja forma foi alterada através de alguns pontos de percussão laterais, criando uma forma semelhante a uma falange.

Os restos faunísticos estão representados por três fragmentos de animais indeterminados e um fragmento que parece ser de um fémur de vaca, com marcas de corte visíveis, recolhido à superfície, no final do corredor. O fragmento encontra-se seccionado em ambas as extremidades por serragem, colocando-se a mera hipótese de poder ter sido utilizado como cabo, permitindo a fixação de uma peça em metal ou pedra.

O único artefacto em osso presente na sondagem, apresenta uma tipologia indeterminada, a sua funcionalidade poderá ter sido de uma espátula/alizador, um pequeno amuleto ou um elemento de uma peça compósita não identificada. Uma peça produzida numa fina esquirola de osso, com um talhe intencional assimétrico, dando origem a uma forma atípica fusiforme, seguido de um afeiçoamento e polimento nos bordos laterais parcialmente convexos e em ambas as extremidades (fig. 48).



Fig. 48 - Artefacto em osso

A fauna malacológica é constituída por bivalves marinhos aparentemente completos, fragmentados pela pressão do sedimento e pedras, de espécie indeterminada e distribuídas pela área da sondagem.

Por último, na prospecção realizada junto ao monumento foi encontrado a cerca de um metro da entrada, 3 fragmentos de cerâmica de cozedura mista, redutora no seu interior e de cozedura oxidante em 1,5 mm em cada uma das superfícies. O acabamento final consistiu em um polimento bifacial, mais cuidado no exterior, e provavelmente foi produzida em torno lento.

Alguns destes artefactos possuem uma “individualidade” difícil de adaptar a um contexto já por si muito específico de um monumento de falsa cúpula no interior de uma estrutura piramidal com mais de 20 metros de comprimento. A continuação das sondagens deste monumento e de outros que apresentam características únicas permitirá no futuro vislumbrar o significado da sua estruturação interna em conjugação com prováveis influências atlânticas e mediterrânicas.

Uma das questões que se coloca é se os artefactos são contemporâneos do monumento ou se resultam de uma ou várias reutilizações. Os trabalhos arqueológicos e as futuras datações irão fornecer cronologias absolutas e mais informações sobre esta interacção. Porém é de constatar a dependência dos povos em relação ao seu meio natural, o que deve estar relacionado com o seu grau de desenvolvimento e a extensão da sua ligação com contactos externos.

A complexidade do monumento alia-se também às suas paisagens marítima e terrestre, as suas orientações, a sua conjugação com o mar Atlântico e a montanha do Pico, criando um provável conceito ideológico e sagrado, que ainda não conseguimos interpretar na sua totalidade.

Bibliografia

ANTON R.G., GASPAR A.T., 1990, Os Aborígenes Canários, Colegio Universitario, Ediciones Istmo.

ÁVILA, E., Ilha do Pico: Roteiro Histórico e Paisagístico, Gráfica Ideal, Águeda, 11 p.

ÁVILA, E., 1988, Ilha do Pico: suas origens e suas gentes (notas históricas), São Roque do Pico: Câmara Municipal.

ÁVILA, E., DUARTE J. T., 1999, O concelho da Madalena: 275 anos da sua História, Câmara Municipal da Madalena, 47 p.

BRANDÃO, R., 2011, As Ilhas Desconhecidas, Quetzal Editores, 188 p.

CARREIRO da C., 1991, Etnologia dos Açores, Lagoa, Açores: Câmara Municipal, p. 429-844

CARREIRO da C., 1978, Esboço Histórico dos Açores, Ponta Delgada, Instituto Universitário dos Açores.

CHAGAS, D. (Frei), 1989, Espelho Cristalino em Jardim de várias Flores, Secretaria Regional da Educação e Cultura.

CORDEYRO, A., 2007, História Insulana, das ilhas a Portugal sugeytas no Oceano Occidental, Governo dos Açores, 2ª edição

COSTA, S. G., 1997, O Pico: Séculos XV-XVII, Ilha do Pico: Associação de Municípios

DUARTE J. T., 1993, O concelho da Madalena: Aspectos da sua História, Câmara Municipal da Madalena

DUARTE J. T., 1999, O concelho da Madalena: Subsidios, Câmara Municipal da Madalena, 113 p.

FREITAS de J., 1941, Ilhas do Arquipélago dos Açores na Expansão Portuguesa, Lisboa.

FRUTUOSO, G., 1998, Saudades da Terra, Instituto Cultural de Ponta Delgada

GARCÍA V., E., FERRER A., E. (2001): Las salazones de pescado de la Gadir púnica: Estructuras de producción. Laverna, XII, pp. 21-41.

GARCÍA V., E., FERRER A., E. 2006, "Producción y comercio de salazones y

salsas saladas de pescadodel litoral andaluz en época fenicio-púnica. Temas y problemas." ,Simposio Internacional Produção e Comércio de Preparados

Piscícolas durante a Proto-história e a Época Romana no Occidente da Península Ibérica. Setúbal Arqueológica 13, pp. 19-38. Setúbal.

MACEDO S. L. A., 1981, História da Quatro Ilhas que formam o distrito da Horta, Região Autónoma dos Açores, I volume.

MACHADO, F. S. de L., Desde a criação da vila da Madalena até à actualidade, manuscrito.

MACHADO, F. S. de L., 1991, História do concelho das Lajes: Ilha do Pico, Associação de Defesa do Património da Ilha do Pico.

MARTÍN A.M., COBO A.S., 2009, Pesquerías púnico-gaditanas y romano republicanas de tñidos: el mar de calmas de las Islas Canarias (300-20 ac), IV CEFYP, Tenerife.

MARTINS, R. de S., "Construções de Falsa Abóboda nas Paisagens de Pedra Seca da Madalena do Pico", Inventário do Património Imóvel do Concelho da Madalena.

Ancient Nets and Fishing Gear in Classical Antiquity, 2007, Proceedings of the International Workshop, Cadiz.

PEREIRA, J. C.; DANIEL L., 2004, Pico-Açores: Guia do Património Cultural, Publicação Atlantic View, 2a ed. rev., 152 p.

THA IIB (1999): Testimonia Hispaniae Antiqua IIB., La península ibérica prerromana de Éforo a Eustacio, Madrid.

TONNES, B.N., The technology and Productivity of Ancient Sea Fishing, Academia Edu

TOSTÕES, A., 2000, Arquitectura Popular dos Açores, Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 560 p.

ZBYSZEWSKI, G., 1964, Contribuição para o conhecimento da Geologia da Ilha do Pico (Açores), Academia das Ciências, Sep. Memórias Academia Ciências Lisboa, Ciências, 9

<http://www.gigalresearch.com/uk/pyramides-sicile.php>

Equipa Técnica

Nuno Ribeiro

Arqueólogo
Director de Departamento Proto-história Associação
Portuguesa de Investigação Arqueológica

Anabela Joaquinito

Arqueóloga
Directora Departamento Pré-história, Associação Por-
tuguesa de Investigação Arqueológica

Fernando Pimenta

Engenheiro
Director Departamento Arqueoastronomia da Associa-
ção Portuguesa de Investigação Arqueológica

Romeo Hristov

Arqueólogo, Professor Doutor
Universidade Austin, Texas – EUA

Grafismo e Plantas

Ricardo Ventura

Director Departamento de Arquitectura

Topografia

José António Costa

Câmara Municipal da Madalena do Pico

Consultores

Félix Rodrigues

Professor Doutor
Universidade dos Açores

Fábio Silva

Professor Doutor
Universidade de Wales Trinity Saint David, Reino Unido

Arquitecto Ricardo Freitas

APIA – Açores

Doutora Antonieta Costa

Universidade do Porto

Paginação

Lavaimagem

Impressão

Gráfica O Télégrapho

Tiragem

300 unidades



Nuno Ribeiro
Anabela Joaquinito
Fernando Pimenta
Romeo Hristov

Agosto 2013